

**“Meu pai sempre dizia que meu sapato tinha que brilhar mais do que o das minhas colegas brancas”**

Tereza Dias Lindolfo, pedagoga



**“Minha mãe sempre dizia que se eu não estudasse não chegaria a lugar nenhum. É um chavão lá em casa”**

Billy Castilho, diretor de comerciais

# Negros de sucesso contam como é ser ‘único’

Conheça as histórias de oito pessoas que conseguiram vencer o preconceito e ocupam ‘profissões de brancos’

## A FAMÍLIA

Paulo Gandala/Folha Imagem



Paulo Gandala/Folha Imagem



Alexandre Dias com a mulher, Silvana, e o filho Otavio; Tereza (à dir.) com o marido, João, as filhas, Cintia e Taís, e a sobrinha Daniele

**MAURICIO STYER**  
Da Reportagem Local

Responda rápido: você conhece um ginecologista negro? A **Folha** fez essa pergunta a um assessor do Hospital das Clínicas e ele disse que, em 11 anos de trabalho no maior hospital da América Latina, nunca havia visto um médico —de qualquer especialidade— negro. Um dia depois, ele se lembrou que entre os 1.200 médicos do quadro do HC há um anestesista negro.

Você conhece um juiz negro? O espanto da assessora do Tribunal de Justiça de São Paulo diante da pergunta não foi menor do que o do assessor do HC: “Ih, acho que não tem!” Depois de algumas horas de pesquisa e consultas, ela descobriu que tem, pelo menos um, no 1º Tribunal do Júri.

Nesta página e na próxima, a **Folha** conta as histórias de oito pessoas que formam uma espécie de anomalia estatística, a dos negros que conseguiram ser bem-sucedidos em profissões e carreiras que, no Brasil, são exercidas quase que exclusivamente por brancos.

Por conta do preconceito e das dificuldades herdadas com a cor da pele, todos os oito personagens destas duas páginas exibem uma mesma característica: em algum momento de suas vidas se viram na situação de únicos: único negro da turma, único negro na empresa, único negro no topo da carreira...

A maneira como lidaram com essa especificidade varia, como mostra o Datafolha. Quase todos rejeitam que se assegurem vagas no mercado de trabalho por meio de um sistema de cotas —e acreditam, talvez espelhados nos próprios exemplos, que o esforço pessoal é o caminho mais curto para o sucesso.

## O DIRETOR DE ARTE

Paulo Gandala/Folha Imagem



Castilho na cadeira de diretor do estúdio

## ‘Minha irmã vê racismo até em janela’

Piloto diz que cor não é barreira; educadora gostaria que filha tivesse professor negro

Da Reportagem Local

O preconceito racial está presente na vida do piloto negro Alexandre Dias desde sua infância, mas há uma diferença fundamental entre ele e sua irmã, a pedagoga Tereza Dias Lindolfo: “Ela vê racismo até em janela”.

Essa diferença é facilmente notada no dia-a-dia das duas famílias.

“Faço militância dentro de casa. Cultivo a auto-estima das minhas filhas. Conto a história da Branca de Neve dizendo que era uma pretinha linda, uma estrelinha da noite”, diz Tereza.

“O que supera as barreiras é a capacidade do homem, não a sua cor”, replica Alexandre.

Formado piloto profissional em 1973, Alexandre, 42, foi trabalhar em uma empresa de táxi aéreo em Cuiabá. Único piloto negro da empresa, era também o único não autorizado a voar no melhor avião da companhia.

Voltou para São Paulo, depois tra-

balhou na Taba (Amazônia) e na Rio Sul, antes de ser aprovado em um teste para a Varig. Dentro da maior empresa de aviação brasileira, passou por vários estágios até chegar a comandante de Boeing 767.

Em 1985, ainda era co-piloto, quando uma passageira de classe executiva cismou de viajar na primeira classe. Depois de discutir com as comissárias, a passageira invadiu a cabine de comando para reclamar. Deu de cara com Alexandre e exclamou: “O quê? Um crioulo sentado aí?” Era a cantora Eliana Pitman, negra.

“Ri. A melhor forma de enfrentar o

racismo é ser superior a ele”, ensina.

Casado com Silvana, que é branca, Alexandre tem um filho, Otavio, que sonha ser astronauta. “As mulheres brancas que me interessavam só tinham interesse por brancos”, diz.

Sua irmã Tereza, hoje com 37 anos, viveu um trauma pesado quando tinha 14.

Única aluna negra em sua classe, foi também a única a tirar dez na primeira prova de francês.

“Quando a professora chamou meu nome para entregar a prova, ela ficou chocada ao ver que a melhor nota era da negra. A partir daí, começou a me perseguir.”

Tereza precisou de dez anos e um curso de teatro para recuperar a cora-

gem de falar em público. “Na faculdade rompi o medo. Percebi que o racismo está presente em todos os momentos da nossa vida”, diz.

Casada com um militante negro, o sociólogo João Lindolfo Filho, 37, Tereza sonha com o dia em que, suas duas filhas, Cintia e Taís, terão professores negros. Em casa, as duas brincam com bonecas negras e recortam fotos de negros, em revistas estrangeiras, para os trabalhos escolares.

“Não basta dedicação ao trabalho. É preciso uma enorme capacidade de resistência”, diz João, defensor do sistema de reserva de vagas para negros no trabalho e nas universidades. “Seria um tratamento diferenciado para quem sempre foi diferenciado”.

João defende a tese de que as diferenças entre brancos e negros têm de ser aprofundadas — e não acobertadas. “Para depois eles caminharem juntos, reconhecendo a diferença e respeitando um ao outro.” (MSy)

**‘Ensino para minhas filhas que Branca de Neve é uma pretinha linda, uma estrelinha’, diz a pedagoga Tereza**

## O EMPRESÁRIO



Paulo Gandala/Folha Imagem

## Comerciante ensina que ‘é preciso ser melhor para ser igual’

Da Reportagem Local

Antonio Benedito de Souza, 45, formou-se pela Fundação Getúlio Vargas, é sócio de uma loja no shopping Interlagos, tem dois carros, uma casa em São Paulo, outra na praia — e é negro.

Souza é filho de pai tratorista, mãe empregada doméstica e estudou com bolsa de estudos. Durante 13 anos, foi gerente da Levis Strauss — o único gerente negro entre pelo menos cem colegas.

Foi escolhido pela Levis para tocar a loja de fábrica junto com dois outros funcionários. Uma se-

gunda loja no shopping foi aberta tempos depois. Hoje, Souza tem 30 funcionários sob seu comando, 2 negros e 28 brancos.

“Quando as pessoas são informadas sobre quem sou e o que faço, elas me tratam melhor do que tratam os brancos”, diz. Quando não sabem, o preconceito prevalece. “Se estou sozinho ou com meus filhos no carro, sou sempre parado pela polícia”, diz.

Aos dois filhos, ambos estudantes universitários, Souza costuma dizer: “Vocês precisam provar que são melhores para serem considerados iguais”. (AB)

Vendedoras brincam de levantar o dono da loja, Antonio Benedito de Souza

## ‘Para dar certo, o jovem precisa jogar pesado’

Da Reportagem Local

Billy Castilho, 35, pretendia encerrar o seu curso de arquitetura com um trabalho sobre o designer alemão Mies van der Rohe (1887-1969), mas a ideia foi criticada por um professor: “Por que você não faz um trabalho mais ligado às raízes negras brasileiras?”

O único aluno negro daquela turma de arquitetura não gostou da sugestão e seguiu com seu trabalho sobre Van der Rohe. “O resultado é que alunos com trabalhos muito mais fracos que o meu foram melhor tratados. Abandonei o curso no último período”.

A experiência foi marcante para o estudante. “Não me incomodava em ser o único negro da turma. Mas pensava: onde estão os outros negros?”

Castilho mergulhou, então, no mundo da publicidade. Passou por todos os estágios, ao longo de mais de 60 comerciais, até se firmar como diretor de arte. Nessa função, souou para convencer um diretor a incluir um casal de negros num comercial do Kadett (GM).

Neste ano, chegou ao topo, ao dirigir o seu primeiro comercial, para a grife Canal 27, exibido nos cinemas. Sua meta, agora, é fazer cinema.

“Sempre que sinto uma situação de racismo, ignoro e continuo na minha. É uma forma de me impor mais ainda. O maior problema é abaixar a cabeça”, ensina.

Os pais de Castilho, que só fizeram o 1º grau, levaram os cinco filhos até a universidade. “Se um negro jovem trabalhar duro, ele vai dar certo. Mas precisa jogar pesado, trabalhar 16 horas por dia”, diz. (MSy)